

TATUADOS PARA O CRIME: OS VORY V ZAKONE E SUAS MARCAS

Anne Karine Matias¹

Anne Augusta Rocha Simões²

Luis Carlos Cavalcante Galvão³

Fecha de publicación: 01/10/2014

SUMÁRIO: 1. INTRODUÇÃO; 2. DE PINTURAS A TATUAGENS; 2.1. Entre pedras lascadas e maquinas elétricas; 2.2. Um corpo colorido e suas razões; 3. A TERRA DE RUS; 3.1. A Revolução Russa de 1917; 3.2. Gulags; 4. OS VOR V ZAKONE; 5. ICONOGRAFIAS E TATUAGENS VORY; 5.1. Os primeiros traços; 5.2. Sinais de um crime; 5.3. Emblemas hierárquicos; 5.3.1. Condecorações criminosas; 5.3.2. Peles vazias e peles estigmatizadas; 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

RESUMO: Por meio de uma metodologia de pesquisa descritiva e dedutiva, busca-se explicitar as tatuagens na gangue russa *Vor v Zakone*. Delineia um breve esboço histórico da tatuagem pelas culturas: surgimento, evolução dos meios para marcar o corpo e razões por trás da arte de se tatuar, mencionando as tatuagens no mundo criminal russo. Ao tecer a evolução histórica da Rússia, focando na Revolução Russa de 1917, abre espaço para a discussão das gulags e, por fim, o surgimento da gangue russa. O último capítulo visa a análise das tatuagens dos *vory*, expondo as mais conhecidas e as classificando de forma simplificada. O objetivo da pesquisa é investigar a linguagem codificada neste mundo de

¹ Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco.
E-mail: annekmatias@gmail.com

² Professora da Universidade Católica de Pernambuco.
E-mail: anne.arsimoes@gmail.com

³ Professor da Universidade Federal da Bahia.

criminalidade, bem como a relação entre os crimes praticados e os símbolos tatuados.

PALAVRA-CHAVE: Tatuagens; Rússia; Criminalidade; *Vory v Zakone*; Máfia Rússia; Significados.

ABSTRACT: Through a descriptive and deductive methodology, aim to explain the importance of the Russian gang tattoos *Vory v Zakone*. Outlines a brief historical foreshortening of tattooing through cultures: emerge, evolution of methods for marking the body and reasons behind the tattoo's art, mentioning the tattoos in the criminal Russian world. When weaving the historical evolution of Russia, focusing on the Russian Revolution of 1917, opens space for discussion of the gulags and, finally, the emergence of the Russian gang. The last chapter concerns the analysis of the *vory*'s tattoos, exposing the most known and classifying them in a simplified manner. The objective of the research is to investigate the coded language in this world of crime as well as the relationship between the crimes charged and the tattooed symbols.

KEYWORD: Tattoos, Russia; Crime; *Vory v Zakone*; Russian Mafia; Meanings.

1. INTRODUÇÃO

Tão milenar quanto os povos, a cultura da tatuagem se manifestou em vários locais desde tempos remotos, com meras pinturas corporais a iconografias complexas e permanentes. Eram e ainda são meios de comunicação entre os povos, determinando quem atravessou os ritos de passagens, quem deve ser respeitado ou até mesmo temido (BERGER, 2006; MARCELINO, 2007).

Dos povos pré-históricos até a selva do século XXI, os desenhos indelévels permaneceram, ditando moda e propagando um diálogo entre as atuais tribos urbanas. Entretanto, para além do estilo e vestuários, a tatuagem ainda perpetua sistemas hierárquicos quando analisada em micro sociedades, como por exemplo, os presídios (PIRES, 2001; AGUILERA, 2010).

Neste tipo de comunidade a prática remonta de muitas décadas atrás, onde eram marcados a força até serem executadas espontaneamente. Assim, os presos passaram a adornavam a pele com figuras significativas seguindo um código próprio com cada iconografia. Tais imagens contam

quem é o preso, por onde ele havia passado e qual sua posição nos grupos criminosos (SILVA, 2012).

Este fenômeno é extremamente notável nos presídios russos, onde em termos de preso *per capita* perde apenas para os Estados Unidos e a China (DA COSTA, 2014). Tal posição se justifica pelo fato de que nos anos 50 e 60, períodos de grande pobreza no país, pequenos roubos eram sentenciados de maneira mais vigorosa que assassinatos (VARESE, 1998).

Deste modo, se qualquer pessoa roubasse comida, seja um repolho ou um milho, era encaminhado para a prisão, pegando uma pena de cinco a dez anos. Um sistema de leis tão inflexível com uma nação faminta insuflou a população carcerária, principalmente com ladrões. Tais criminosos se organizaram em uma gangue bastante peculiar, no qual as tatuagens eram essenciais (GROOM, 2013; VARESE, 1998).

2. DE PINTURAS A TATUAGENS

Implantes subcutâneos, perfurações por joias, desenhos feitos a partir de incisões, queimaduras, cortes, membros e partes da silhueta retirados e até mesmo corpos suspensos por ganchos fincados na pele. Esta é uma pequena lista das tantas possibilidades atuais oferecidas nos estúdios de *body modification* (BERGER, 2006; DE BRAZ, 2006).

Tais ornamentos, entretanto, não são apenas vistos como mera rebeldia, mas artes, à medida que o artista se coloca como obra viva, utilizando o corpo enquanto instrumento, expressando ideais ou atos. É neste vasto mundo, que mistura dor, arte e estética que a tatuagem se insere (DE BRAZ, 2006; PIRES, 2001).

2.1. Entre pedras lascadas e máquinas elétricas

Também referida como dermopigmentação, a tatuagem figura como uma experiência carnal que desafia tabus físicos e sociais. Sendo uma das formas de modificação do corpo, diferencia-se das outras *body art* por ser um desenho permanente, trabalhado sobre a pele humana (BERGER, 2006; FERREIRA, 2006).

As primeiras tatuagem foram executadas acidentalmente, provavelmente “alguém com um ferimento na pele mexeu nessa ferida com as mãos sujas de fuligem e cinzas provindas do fogo. Depois que o ferimento cicatrizou, observou-se que a marca havia permanecido em definitivo” (MARCELINO, 2007, p. 64).

Com o tempo as marcas eram executadas de forma proposital, pois geravam reconhecimento entre a tribo. Assim, os homens feriam o próprio

corpo com gravetos e pedras afiadas a fim de produzir marcas permanentes (BERGER, 2006). Era símbolo de distinção, mostrar-se melhor que o grupo, mais valente.

O divino logo se misturou a arte das marcas, desta forma tribos elaboravam desenhos com espinhos e tintas orgânicas, em rituais religiosos, associando tais cerimônias ao registro iconográfico de situações coletivamente marcantes. Passagens para a vida adulta, casamentos, celebrações importantes, todas demandavam pinturas corporais (FERREIRA, 2006).

A execução destes desenhos caminhou de espinhos para lascas de sílex presas a cabos de madeira e agulhas feitas de ossos até, por fim, a conhecida máquina elétrica, composta, inicialmente, por um conjunto de agulhas metálicas presas a um cabo de madeira (MARCELINO, 2007).

Atualmente, o processo tornou-se menos doloroso comparado as técnicas artesanais anteriores. Pigmentos de origem mineral e agulhas específicas para o ofício fazem parte do arsenal para a execução de uma tatuagem. As máquinas, por sua vez, possuem ponteira de aço inox cirúrgico e precisam ser limpas de forma correta, no caso, por meio de ultrassom e estufas (LISE *et al.* 2009).

Entretanto, mesmo existindo uma maneira correta para a execução e equipamento específico, há outras maneiras de marcar permanentemente a pele. Uma das formas mais conhecidas é fundindo um motor de *walkman* ou DVD, tampa de caneta, partes de isqueiros e espiral metálica de caderno afiadas (SILVA, 2012). Alguns tatuadores iniciantes e sem recursos para adquirir uma máquina de tatuagem, fabricam tais artefatos para treinar o ofício.

Não só aqueles iniciantes na prática, como alguns veteranos em ambientes hostis e sem aparatos, como no caso de tatuadores de prisões. É comum para estes fabricar seus próprios utensílios, como tintas e máquinas, já que a execução de tatuagens é proibida nas cadeias – tornando o acesso aos instrumentos adequados quase impossível (AGUILERA, 2010).

2.2. Um corpo colorido e suas razões

Assim como sua realização transformou-se até os moldes atuais, os motivos por trás de cada desenho e ícones também. Em tempos antigos, os ancestrais marcavam a derme por motivos principalmente religiosos e de status dentro da sociedade. Os polinésios, famosos por trazerem, junto com James Cook, a tatuagem para a Europa, tinham suas marcas como parte de sua identidade.

Esta aplicação subcutânea que atravessou a fronteiras das culturas pelo mundo, hoje nem sempre tem ligação com rituais religiosos. É muito mais uma representação da individualidade através do primeiro e principal instrumento de expressão: o corpo.

Le Breton (2010), preconiza que na sociedade moderna, o corpo não é mais imposto, como um destino, podendo cada indivíduo agir sobre ele, o modificando. O homem, então, é autossuficiente, independente e sujeito criador e modificador até de si mesmo e seu corpo (LEITÃO, 2004).

É dentro desta noção de ampliação da liberdade que tatuagem encontra vez para ser reproduzida afora de regras e costumes societários. Representando a dominação do homem sobre seu corpo e, por fim, expressando tal mensagem pelos desenhos afincados na superfície – assim, sobressair, buscar sua própria identidade (LEITÃO, 2004).

Destarte, por meio da tatuagem, pretende-se dizer algo de si mesmo, tanto para se diferenciar da sociedade, quanto para se sentir pertencente a um grupo. É neste sentido que De Braz (2006), em suas pesquisas pelos estúdios no Brasil, revela que certos tipos de público, como *punks*, se identificam com determinados estilos de tatuagem. Procuram, assim, cravar em suas peles figuras e ícones relacionadas ao estilo de vida pregado dentro da “tribo urbana”.

Além dos estilos, sinais específicos também são procurados pelos grupos. Os motivos pela escolha de um signo em especial são vários, seja porque representam o estilo de vida seguido pela tribo, seja porque apresenta algum significado particular dentro do grupo. Da mesma forma como *punks* adotaram o símbolo do anarquismo, com a letra A dentro de um círculo, representando a não submissão ao sistema, outras micro sociedades retiram sinais de seu contexto original, transformando seus significados (DA SILVA, 1991; DE BRAZ, 2006).

A sociedade carcerária também se utiliza de símbolos específicos com representações e significados únicos. As imagens utilizadas por este grupo são sereias, dragões, cobras entre outras, que passam por um processo criador de

novos sentidos [...] uma vez que se apropriam de objetos do mundo para a construção de seu ideário [...] embora esteja se apropriando de objetos do mundo exterior à criminalidade e ao cárcere, tais objetos são forçadamente convertidos a um uso restrito, cuja finalidade já era previamente determinada – por exemplo, tipificar uma modalidade de crime (TOFFOLLI, 2005, p. 10-11)

Neste caso, figuras com significados definidos pela própria cultura são empregados na organização de um novo discurso (DA SILVA, 1991). Tomamos como exemplo o desenho de uma estrela náutica que, dentro do mundo criminal russo, pode referir-se a gangue russa Ladrões por Afinidade.

Desta forma, o grupo conecta seus integrantes com a gangue tatuando-os, definindo, assim, quem é membro ou não, quem deve ser respeitado e que tipos de crimes foram cometidos (DA SILVA, 1991; ZACKASEE, 2004). Instituindo quase que um histórico nas peles de homens sentenciados pela justiça.

Na verdade, a Rússia, país com maior área do planeta, cobrindo mais de um nono do espaço terrestre, também possui uma das maiores populações prisionais. O número de prisioneiros *per capita* é tão elevado que, historicamente, quase todos conhecem alguém que esteve na prisão. Com uma atividade criminosa tão intensa, principalmente entre os anos 50 e 60, tornou o país conhecido (BERTONHA, 2009).

O crime organizado russo é extremamente forte, quebrando as fronteiras do país até os Estados Unidos, onde as atividades criminais são mais acentuadas (ZACKASEE, 2004). A origem deste histórico criminal remota de muitos anos atrás, com o surgimento do país, até sua divisão e transformação no sistema político.

3. A TERRA DE RUS

Localizada no norte da Eurásia, a Rússia, ou Terra de Rus, teve seu início como um estado eslavo, sendo conhecida como a Rússia Kieviana. Abrangendo as atuais Ucrânia, Bielorrússia e a própria Rússia, tal principado conheceu seu apogeu com sua cristianização pelo príncipe Vladimir, o Grande. A adoção do cristianismo ortodoxo do Império Bizantino, assim como os costumes eslavos, definiriam a cultura russa atual (CURTIS, 1996).

Apesar da prosperidade, a Rus' de Kiev não foi capaz de manter sua posição, “em parte por causa da incorporação de terras díspares sob o controle de um clã dominante. Como os membros desse clã cada vez mais numerosos, eles se identificaram com os interesses regionais” (CURTIS, 1996, p. 4). Assim, a gradual desintegração do Rus' de Kiev começou no século XI, formando vários pequenos estados (BERTONHA, 2009).

Seus territórios foram finalmente unificados com o estado sucessor, a Moscóvia, expandindo seus territórios. Por volta do século XVIII, ocorreu uma grande expansão através da conquista, anexação e exploração de

territórios, tornando-se o Império Russo. Governado por uma monarquia absolutista, sustentava-se na nobreza rural, dona da maioria das terras cultiváveis (SMITH, 2013).

3.1. A Revolução Russa de 1917

Neste período, o país, ao passo que detinha a maior população da Europa, lidava com um dos maiores problemas: a pobreza. Grande parte dos russos moravam em zonas rurais, onde eram explorados pela nobreza que controlava as propriedades. Com a industrialização foi-se estabelecendo progressivamente uma classe operária, porém igualmente explorada. A fome, a baixa taxa da natalidade e o alto índice de analfabetismo deixaram a nação em um cenário deplorável (SMITH, 2013).

O desenvolvimento da indústria, porém, trouxe aos russos um pleno intercâmbio de ideais filosóficos, juntamente com novas correntes políticas que chocavam com padrão absolutista do governo russo. Tais ideias, unidas a partidos políticos, culminaram na Revolução Russa de 1917 (BRETONHA, 2013).

Entretanto, em meio ao caos da revolução e a latente pobreza, ocorreu a proliferação de outro fator: a violência e multiplicação de gangues. Ditavam as regras nos bairros e aterrorizavam o sistema, roubando de fazendas e remessas do governo. Iniciaram como pequenos grupos de crianças que, com o tempo, se organizaram para praticar roubos maiores e mais complexos (GROOM, 2013).

Ao se consolidarem, as gangues criam suas próprias gírias, cultura e leis dentro do universo criminal, conhecido como *Vorovskoy Mir*, em russo, mundo criminoso. A partir desta nova subcultura de crimes, principalmente contra o Estado, deu-se início a um longo histórico de violência e quadrilhas delinquentes (BRETONHA, 2013; GROOM, 2013).

Após a Revolução a queda do sistema czariano era iminente, e assim ocorreu com a consolidação do Partido Comunista no poder. Este estabeleceu seu poder e influência em todo o mundo, formando, entre 1922 e 1991, a maior e principal república constituinte da União Soviética. Neste período, configurou-se como o primeiro e maior Estado socialista constitucional, sendo, também, reconhecido como uma superpotência (CURTIS, 1996).

3.1.1. Gulags

A URSS, união de várias repúblicas soviéticas subnacionais, era regida por um regime unipartidário centralizado e comandado pelo Partido

Comunista. Várias medidas foram tomadas, visando reconstituir a economia, mas principalmente para refrear a violência no país, ainda muito alarmante face as gangues aumentaram seu poder dentro da sociedade. Logo após a Revolução, o sistema policial e judicial russo foram reestabelecidos, no qual o modelo Gulag foi aplicado (APPLEBAUM, 2004)

Glavnoye upravleniye ispravitelno-trudovyykh lagerey i kolonij ou, em português, Administração Geral dos Campos de Trabalho Correccional e Colônias, consistiam em locais de trabalhos forçados. Destinados aos criminosos e os presos políticos, ditos inimigos do povo, acusados de trair a União Soviética. Na verdade, qualquer pessoa que se opusesse ao regime estabelecido seria dirigido às antigas *Katorgas*, onde até o canibalismo existiu (APPLEBAUM, 2004)

Desta forma, basicamente existiam dois tipos de prisioneiros soviéticos: os de dissidência política, não membros do mundo dos ladrões (*Vorovskoy Mir*) e os criminosos profissionais, imbuídos em um universo de símbolos e expressões próprios (GROOM, 2013). Com efeito, a principal diferença visual entre estes ambos encarcerados eram a utilização dos signos na pele, em forma de tatuagens expressivas (FINKENAUER; WARING, 2001).

4. OS VOR V ZAKONE

Dentro do mundo criminoso, emergiu uma gangue bastante popular nos presídios, conhecidos como o maior grau de autoridade dentro das prisões, os ladrões por afinidade ou ladrões por lei, em russo *Vor v Zakone*. Composta basicamente por ventanistas, grupo mais numeroso na sociedade carcerária, eram temidos tanto pelos companheiros de cela quanto pela administração (WAHLSTEDT, 2010).

Vestiam-se e agiam de forma peculiar, bastante diferente dos outros presos, comunicando entre si por meio de um sistema linguístico específico. *Fenia*, a linguagem dos ladrões, gramaticalmente similar ao russo, porém com um vocabulário distinto, agia como um código entre eles (VARESE, 1998). Quanto mais se dominava a língua dos ladrões, mais destaque se obteria entre eles (GROOM, 2013).

Além do dialeto peculiar, a gangue possuía um código de leis próprio, nomeado *Ponyatiya*, ou simplesmente “as diretrizes” (THRELFALL, 2012). Tal compendio focava na filosofia do grupo e, segundo Varese (1998, p.3), pregava ainda “uma ideologia de pureza monástica, um ritual para a iniciação na fraternidade e como conseguir um papel de liderança”.

Baseado nestas regras os *vory* definiam suas relações e ações, instituindo um ideal duplo. Exaltavam o mundo criminoso, pregando lealdade entre os ladrões, e a repulsa à vida na sociedade civil. De tal forma, os únicos laços permitidos eram os entre integrantes, no qual seriam declarados como a nova e única instituição familiar permitida (PLUTSER-SARNO, 2009).

Assim, um membro não poderia formar uma família, pois era proibido o casamento ou a constituição de uma prole (GROOM, 2013). Sua vida deveria ser resumir às prisões, permanecendo lá o maior tempo possível, pois ali era dito como sua terra natal, sua verdadeira casa. Ademais, quanto mais tempo um *vory* passava recluso, cumprindo sentença, mais prestigiado seria (WAHLSTEDT, 2010).

Mesmo quando solto, o membro deveria manter contato com a gangue nas conhecidas comunidades *kodla*. Nesta coletividade os ladrões tinham a obrigação de honestidade e auxílio para com os outros, pois mais que uma coletividade, eles eram uma irmandade. Destarte, as punições eram severas com os que traíssem ou desrespeitassem os companheiros, sendo considerado uma afronta a toda ideologia dos ladrões (APPLEBAUM, 2004; VARESE, 1998).

A adesão à gangue, então, era quase uma devoção, pois tanto dentro das cadeias quanto fora o contato era obrigatório. De tal maneira que cada ladrão deveria dedicar “(...) seu corpo físico e alma para o mundo dos ladrões” (GROOM, 2013, p. 5), abrindo mão de sua vida civil anterior. Como se morrendo e nascendo dentro das instituições penais, no qual abandonavam sua juventude e suas vontades, já que se submetiam completamente ao código estabelecido pelo bando (PLUTSER-SARNO, 2009).

O aprendiz, deste modo, ao ser inserido na quadrilha, adquiria um novo nome, após a execução de certos trabalhos em prol dos *vory*. Desde extorquir outros prisioneiros, a concluir pequenos trabalhos, como envio de mensagens importantes para outros membros. O anelo do futuro integrante era testado e, se bem sucedido, tal filiação era selada com a execução de símbolos específicos em sua pele (SCHWIRTZ, 2008; THRELFALL, 2012).

Deste modo, dependendo do desempenho do novato, este poderia adquirir diversas tatuagens, indicando que este era um iniciado no mundo criminal. Seu aspecto físico, então, era modificado para comportar várias

tatuagens, todas executadas dentro das celas das gulags ou por membros autorizados a tatuarem (GROOM, 2013).

Não apenas iniciantes, mas também membros antigos podiam e deviam tatuar o corpo com signos próprios, cada um com um significado típico. As iconografias eram variadas, carregando uma profunda ligação com os crimes cometidos e a posição do ladrão dentro da gangue. Assim, eram conquistadas de acordo com a performance do integrante (FINKENAUER; WARING, 2001).

5. ICONOGRAFIAS E TATUAGENS VORY

Além do meio de comunicação verbal (*Fenia*), instituída na *Ponyatiya*, havia também um meio de comunicação visual, composta por um sistema de tatuagens (VARESE, 1998). Cada símbolo provava a fidelidade e cometimento a ideologia *vor*, representando suas leis e doutrina em desenhos guarnecidos de mensagens apenas conhecidas pelos ladrões.

De símbolos católicos, como a Virgem Maria, a animais e frases, em princípio sem sentido, a variedade de ícones adotados pela organização criminosa é extensa. Cada qual transmitindo uma mensagem codificada, porém clara para o grupo. É neste sentido que Threlfall (2012, p. 2) esclarece e discorre quanto as imagens e sua relação dentro da gangue, assim

Certas tatuagens denotam um ranque (de modo geral, quanto mais tatuagens um *Vor* tinha, mais respeitado ele era) e destacam as especialidades criminais individuais, mas os significados de certas imagens também poderia mudar dependendo de onde elas foram colocados no corpo.

Dentro do mundo das prisões, então, essas marcas serviam como um cartão de identidade criminal – quanto mais crimes eram cometidos, mais tatuagens o indivíduo possuía no corpo. De tal forma, membros respeitados eram politatuados, pois cada evento marcante em sua vida criminal era representado por um signo indelével específico.

5.1. Os primeiros traços

Logo com as instituições das gulags, entre os anos 1930, os prisioneiros já possuíam tatuagens. Os primeiros traços não tinham qualquer ligação com gangues, mas sim serviam a um propósito mais prático: evitar o fuzilamento. Figuras de Stalin e Lenin, geralmente juntos, eram desenhadas no peito, pois acreditava-se que, se sentenciados à pena de morte, as autoridades não atirariam no rosto de seus líderes (GROOM, 2013).

Entretanto, com o decorrer do tempo, a figura do secretário-geral do Partido Comunista também foi adotada pela gangue dos ladrões, pois, nas palavras de Plutser-Sarno (2009, p. 39) “a comum imagem de Lenin é também um acrônimo oculto para *VOR* (ladrão), uma vez que a palavra russa é composta pelas primeiras letras das palavras ‘Líder da Revolução de Outubro’”

Na verdade, acrônimos eram inspirações comuns para os ladrões, pois camuflavam frases de exaltação a crimes, como as letras da palavra “Deus” que, em russo (*bog*), indicariam a frase “Eu irei roubar novamente”. Da mesma forma o termo “besouro”, ou *zhuk* na língua russa, refere-se a proposição “Eu te desejo um roubo bem sucedido” (PLUTSER-SARNO, 2009).

Por este motivo, até hoje se faz difícil apontar com certeza a interpretação de cada figura, havendo, assim, divergência entre os pesquisadores. Não apenas por conta das siglas, mas também pelo fato que uma figura pode apresentar mais de um significado, dependendo do local onde se foi impressa ou de algum detalhe adicional (VARESE, 1998).

Como exemplo de variação de significado temos a ilustração da aranha, fortemente relacionada aos ladrões. Se ela está subindo pela teia, normalmente do ombro para o pescoço, significa que o indivíduo é um ladrão ainda em atividade, se ela está no sentido contrário, descendo a teia, indica que o sujeito parou de roubar (CHALIDZE, 1977).

Figuras de aranhas são extremamente populares entre os *vory*, representando sua atividade nos furtos e intenções futuras quanto a este tipo de crime. Por serem tão icônicas para os furtadores, que os russos ao se deparar com uma tatuagem de aracnídeos logo relacionam o portador ao submundo das transgressões (GROOM, 2013).

5.2. Sinais de um crime

Os *kremlin*, um dos maiores símbolos da Rússia, também possuem uma grande associação aos ladrões por afinidade. Sinônimo de ‘fortaleza’ em russo, refere-se a qualquer complexo fortificado encontrado nas cidades russas históricas. Os construídos na Praça Vermelha costumam ser o cartão postal do país, assim como do grupo criminoso.

Fortificações de igrejas russas ortodoxas são tatuadas pela gangue nas costas ou no peito de forma bastante ilustrativa. Ao contrário do senso comum, tais imagens não indicam afiliação religiosa, mas sim ligação com o crime. Cada domo das igrejas pode representar os anos servidos na prisão ou a quantidade de zonas que o preso passou (PLUTSER-SARNO, 2009).

No mesmo sentido caminham as imagens de arames farpados, onde o número de farpas corresponde ao tempo da sentença. Todavia, se o arame for desenhado na testa significa prisão perpetua, sem possibilidade de condicional. Sinos nos tornozelos também representam a impossibilidade de liberdade condicional, com sentença acima de cinco anos. Da mesma forma as algemas nos pulsos, no qual o portador deverá passar na prisão no mínimo cinco anos (THRELFALL, 2012)

Além das famosas fortalezas outros símbolos históricos foram inseridos no mundo criminal. Propagandas soviéticas constantemente eram parodiadas nas tatuagens, criticando o sistema autoritário e seus governantes. Até mesmo a administração dos campos eram alvos das sarcásticas imagens, onde atuavam em desenhos pornográficos ou irônicos (VARESE, 1998; GROOM, 2013).

A pornografia, por sua vez, é outro elemento quase que constante, com mulheres nuas de seios à mostra e em posições na maioria das vezes humilhantes. Este tema expressa os valores da gangue, no qual as mulheres são postas no mesmo nível que os animais. Assim como revelam a recusa à submissão e revolta contra a União Soviética (CHALIDZE, 1977).

Essa raiva pelas leis e pela política sempre era expressada nas tatuagens, como os *oskal*, ‘dentes à mostra’ em russo. Expressavam a hostilidade perante as autoridades, com animais, na maioria das vezes felinos, de dentes afiados. Às vezes eram acompanhados por dizeres que ridiculizavam o Estado, questionando sua autoridade (VARESE, 1998).

Tatuagens de gatos, por ordem, também são extremamente famosas na gangue, posto remeter a ideia de predador silencioso e ágil. Há várias variações deste símbolo, podendo ser desenhados assemelhados a uma pantera ou jaguar ou constituírem uma simples figura da cabeça do felino (THRELFALL, 2012).

Ainda, a estampa dos felinos pode figurar sozinha, ou seja, a imagem de um único gato, significando que o assaltante trabalha só. Quando, entretanto, o assaltante trabalha em grupo este costuma portar uma tatuagem de vários gatos juntos (GROOM, 2013).

O felídeo, por fim, quando executado com traços de predador no peito traz a ideia de que seu portador foi sentenciado por um crime grave. Usualmente, apenas os membros com maior influência ganham o direito de usar tal imagem, representando que eles conseguem cuidar de si próprios (CHALIDZE, 1977).

5.3. Emblemas hierárquicos

Nas prisões é essencial ser filiado a uma gangue para manter a sobrevivência. É a partir, pois, destes grupos criminosos que os presos conseguem proteção e até mesmo favores (SHOHAM, 2010). Entrar nestas associações do crime, entretanto, não é fácil, haja vista todas serem compostas de hierarquias extremamente respeitadas.

Para controle dessa pirâmide social, os escalões são determinados pelo tipo de imagem ostentada na pele. Ou seja, os membros marcam seu lugar nas gangues no próprio corpo. De tal forma, todos se tatuam segundo seu lugar nas prisões, principalmente quando se faz parte de uma gangue.

Os ladrões por afinidade não diferem de outras gangues, mantendo uma rígida hierárquica controlada através de um código complexo de desenhos marcados nas peles. Tais marcas são usadas como um meio de comunicação interna, denotando classificação dentro do grupo (PLUTSER-SARNO, 2009).

Esta classificação poderá tanto ser executada para enaltecer seu portador, colocando este como figura essencial no bando, como para estigmatizar ainda mais o detento. Tanto uma quanto a outra são importantes para que cada membro saiba com quem deve manter relações sociais, respeitando, e a quem deve evitar (SHOHAM, 2010).

5.3.1. Condecorações criminosas

Por volta de 1920 cerca de 25% dos criminosos profissionais traziam tatuagens, mesmo que desprovidas de alguma função definida além de marcar o fato de que a pessoa era realmente um criminoso. No entanto, no início dos anos 1930 praticamente todos os indivíduos estavam cobertos de tatuagens, dando início ao sistema de castas de naipes (CHALIDZE, 1977).

A carta de espadas era o símbolo dos ladrões, sendo a figura do rei de espadas a mais nobre tatuagem. O naipe de paus indicava os criminosos em geral, aqueles sem destaque e fora da gangue (GROOM, 2013). Os outros símbolos eram reservados para os informantes da administração e homossexuais sendo geralmente aplicadas à força (PLUTSER-SARNO, 2009).

Este sistema prosseguiu, porém se desenvolveu paralelamente a outros esquemas como o de anéis. Neste cada anel carrega um significado diferente, dependendo do desenho nele contido. Esta complexa linguagem mostra o status do criminosos quando o resto de seu corpo está coberto.

Sendo símbolos de poder, crimes e castigos dentro da própria congregação criminosa (THRELFALL, 2012).

Com o desenvolvimento da linguagem de tatuagens imagens avulsas ganharam destaque, como a estrela náutica. Esta é a mais importante figura, podendo se encontrar em várias partes do corpo. Quando nos joelhos indicam que o portador nunca ficará de joelhos diante de alguém; no pulso indica que o indivíduo não será preso pelos policiais; no peito indicam um prestígio ainda maior, sendo reservada para poucos (WAHLSTEDT, 2010).

Sinais no peito, aliás, costumam apresentar um status alto, como crucifixos, que podem surgir com a imagem de Cristo. Os membros de elite possuem ainda sobre a cruz uma coroa, simbolizando o 'rei dos ladrões'. Estes 'reis' são conhecidos, na verdade, como *pakhan*, sendo os chefes do grupo, ostentando perto de suas cruzes imagens de caveiras, indicando alto nível entre os ladrões (VARESE, 1998).

Dragonas também mostram a posição do delinquente no escalão da quadrilha, selando, ainda, um compromisso com os ladrões. Distintivas condecorações no ambiente criminoso, podem ser posicionadas em um ombro ou em ambos, indicando a patente do portado. Apontam capitães, tenentes ou coronéis, com um *design* diferente para a dragona correspondente (PLUTSER-SARNO, 2009; GROOM, 2013).

Rosas no peito, apesar de não ser em si um símbolo de destaque, referindo-se a um membro de alto escalão, geram respeito. Significando que o portador foi iniciado muito cedo no mundo do crime, antes dos 18 anos, são vistas com bons olhos (GROOM, 2013). Da mesma forma a Madona segurando o menino Jesus nos braços, revelando que a pessoa está envolvida com a criminalidade desde muito cedo, devendo ser respeitada (VARESE, 1998).

5.3.2. Peles vazias e peles estigmatizadas

Se de um lado alguns condenados ostentavam o corpo completamente tatuados, do outro haviam prisioneiros sem uma marca sequer, os conhecidos como "homens cinzas" (LAMBERT, 2003). Estes não tinham lugar na casta criminosa, sendo colocados no final da pirâmide social, pois a ausência de marcas indicava a não filiação com qualquer gangue (GROOM, 2013).

Como eram as gangues que traziam proteção e segurança aos membros, aqueles não afiliados tinham uma vida dura nas gulags, sendo vítimas de extorsões, abusos, espancamentos e assassinatos. Aliás, não era

incomum tais presos serem utilizados até mesmo como escravos sexuais dos *vory* (SHOHAM, 2010).

Acuados e temerosos alguns prisioneiros pagavam por alguma tatuagem de distinção, entretanto tal prática quase sempre suscitava em punições severas – já que os encarcerados deveriam ganhar suas marcas (THRELFALL, 2012). Nas palavras de Groom (2013, p. 6) "(...) os condenados devem honrosamente ganhar suas tatuagens cometendo o crime que é representado por esta tatuagem em particular".

Por conseguinte, qualquer indivíduo com um desenho indevido poderia ter tal arrancado de sua pele por meio de algum objeto afiado ou ser assassinado (VARESE, 1998). O mesmo ocorria com membros rebaixados de seus postos dentro da gangue. Se o código fosse quebrado, os signos de autoridade deveriam ser removidos (GROOM, 2013).

Na prática, se um presidiário novo na cadeia apresentasse uma dragona no ombro, entende-se que este ocupa uma proeminente posição dentro dos *vory*. Entretanto, se o prisioneiro nem ao menos fizer parte da gangue e tal informação chegasse aos membros do alto escalão *vor*, a tatuagem deveria ser removida a força (SHOHAM, 2010).

Porém, se tal membro realmente fosse um destaque entre os ladrões, mas traiu um dos seus companheiros criminais, infringindo, assim, um das principais leis do código dos ladrões, sofreria punições. Poderia, desta forma, tanto ter seu desenho cortado fora como ser tatuado contra sua vontade com símbolos peculiares (LAMBERT, 2003).

Um desses ícones são os olhos marcados na parte inferior do tronco, um pouco acima dos quadris. Eles indicam que o preso foi rebaixado dentro da gangue, passando para uma casta inferior. Uma vez com este tipo de tatuagem o condenado nunca mais poderá ser respeitado entre o meio das prisões (PLUTSER-SARNO, 2009).

A mesma imagem, todavia, em um local diferente indica que o condenado está de olhos bem abertos. Assim, quando próximo aos ombros ou acima do peito, mostram que as tatuagens não foram feitas a força (THRELFALL, 2012). Esta informação é valiosa, pois entende-se que o indivíduo não foi rebaixado ou usado para gratificações sexuais.

Conhecidos como *bliad* (vadia em russo), os presos utilizados como objetos sexuais podem possuir vários tipos de tatuagens, como olhos nas nádegas. Este tipo de imagem é bastante famosa, sendo executada a força naqueles que cometiam transgressões contra o código interno dos *vory* (SHOHAM, 2010).

Cenas de copulação também poderiam representar o pertencimento a este grupo estigmatizado, comum quando o preso não paga seus débitos nos jogos de cartas. A intenção é incitar medo e evitar qualquer socialização destes com os outros encarcerados, pois isto representaria uma vida social morta para aqueles que ousassem (GROOM, 2013).

Algumas tatuagens, porém, são mais sutis, como uma coroa sobre o naipes de copas. Ela atribui ao condenado uma função sexual na sociedade criminal, transferindo seu papel masculino para o feminino, como em uma troca de gêneros. Em um acordo entre ladrões, aquele que possuir tal imagem é utilizado como presente ou pagamento (LAMBERT, 2003).

Desta forma, conclui-se que nem toda figura representava algo bom dentro do bando. Alguns são destinados a posicionar o membro no topo da pirâmide, outros para estigmatizar ainda mais um grupo específico. Nesta sociedade tão violenta casos de assassinatos, extirpações, espancamentos e abusos sexuais são comuns, principalmente quando referente a arte dos desenhos indelévels.

Groom (2013, p. 14), neste sentido, preconiza “[as] tatuagens proporcionam uma representação simbólica dos estrito código dos ladrões, e cada qual serve a um importante propósito de reforçar este código”. Todas as tatuagens formam um todo direcionado a perpetração do grupo criminoso.

Este conjunto de leis, porém, foi constantemente modificado nos últimos tempos, principalmente após a queda da União Soviética. Os valores do código *vory* se voltaram para o capitalismo, transformando, em especial, o sistema de aquisição das tatuagens, agora compradas (SHOHAM, 2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, com a mudança de paradigmas dos ladrões, é comum os jovens comparem suas marcas de honras fora das prisões. Novamente nas palavras de Groom (2013, p.15) “em uma sociedade criminosa onde a honra uma vez foi suprema, o dinheiro agora é o rei”.

Algumas práticas morreram, se perdendo entre os novos criminosos que não concordavam com o método austero dos ladrões. Apesar do sistema de casta permanecer, o código de tatuagens se enfraqueceu, perdendo um pouco de seu respeito (APPLEBAUM, 2004). Entretanto, prossegue a prática dos símbolos, sobretudo entre os mais antigos.

Na verdade, as diretrizes tornaram-se mais maleáveis, desta forma, como já dito, excluiu alguns costumes e perpetuou outros. Como Applebaum (2004, p. 25) menciona

O colapso da União Soviética não destruiu todas as práticas, ou a casta dos profissional criminosos russos. Muitos dos seus líderes seguiram em frente, ‘graduando’ até se tornarem líderes das gangues mafiosas que controlam o comércio e o crime nas cidades russas. Mas muitos dos membros de casta inferior vivem da mesma forma.

Como visto, as mudanças ocorreram pela implantação de um novo sistema no país, modificando não apenas os códigos e costumes dos *vory*, mas também drasticamente o grupo criminoso em si. Originado em campos soviéticos, cresceu e permeou a sociedade civil internacional, principalmente a comunidade dos Estados Unidos (LAMBERT, 2003).

O esquema organizacional foi aperfeiçoado, transformando a atuação mais sofisticada e difícil de rastrear. Com esta amplificação de abrangência, o *Vor v Zakone* hoje figura no crime organizado russo, tendo como principais atividades a fraude, prostituição, assassinatos e roubos (APPLEBAUM, 2004).

As mudanças trouxeram benefícios para a gangue, já que alguns membros, em especial os mais novos, não aderiram as velhas regras. Desta forma, a atividade criminal se tornou menos previsível, gerando um novo tipo de criminoso, engajado em delitos internacionais. O mundo criminal concentrado nos campos de trabalhos forçados, assim, cedeu as escalas mundiais de operações fora das prisões (GROOM, 2013).

No mesmo passo dificultou as investigações policiais feitas com base em tatuagens, posto não poderem mais confiar no histórico desenhado nas peles. Como saber se o portador simplesmente não pagou pelas imagens? Os inquiridos precisam ser mais minuciosos, procurando a fundo a vida do acusado e não dependendo dos símbolos indelévels.

A despeito das tatuagens possuíram um espaço mais reduzido entre as novas organizações, ela não foi extinta. Prosseguem sendo importantes para alguns membros e, acima de tudo, para os policiais, pois, como dita Groom (2013, p. 20) “Em um país onde a cada quatro adulto masculino um passou tempo na prisão, é crucial entender o significado das tatuagens criminais e o que elas podem nos dizer sobre o mundo dos ladrões”.

7. REFERÊNCIAS

- AGUILERA, J. **Apostila de tatuagem**. São Paulo, 2010. Apostila de Tatuagem no Cárcere – Polícia Militar de São Paulo.
- APPLEBAUM, A. **Gulag: uma história polêmica dos campos de prisioneiros soviéticos**. 1. ed. São Paulo: Ediouro Singular, 2004.
- BERGER, M. **Corpo e identidade feminina**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BERTONHA, J. F. **Rússia - ascensão e queda de um império: uma história geopolítica e militar da Rússia, dos czares ao século XXI**. 1. ed. Curitiba: Juruá, 2009.
- CHALIDZE, Valeri. **Criminal russia: essays on crime in the soviet union**. 1. ed. Nova York: Random House, 1977.
- CURTIS, G. E. **Kievan Rus' and mongol periods**. 1. ed. Washington, DC: Federal Research Division of the Library of Congress, 1996.
- DA COSTA, Mariana Timóteo. Brasil tem 55% mais presos do que a média global. **O Globo**, São Paulo, 2014.
- DA SILVA, M. A. M. As tatuagens e a criminalidade feminina. **Cadernos de Campo**, São Paulo, mar. 1991, no 1, p. 5-16.
- DE BRAZ, Camilo Albuquerque. **Além da pele: um olhar antropológico sobre a body modification em São Paulo**. 188f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- FERREIRA, V. S. **Marcas que demarcam corpo: tatuagem e body piercing em contextos juvenis**. 646f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa, 2006.
- FINKENAUER, J. O.; WARING, E. J. Challenging the russian mafia mystique. **National Institute of Justice Journal**, Nova York, 2001, n. 247, p 3-7.
- GROOM, D. The evolution of the thieves' code: an analysis of russian criminal tattoos. **The UC Undergraduate Journal of Slavic and East/Central European Studies**, Los Angeles, 2013-2014, v. 6.

- LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, jan./jun. 2010, ano 16, n. 33, p. 25-40.
- LEITÃO, D. K. Mudança de significado da tatuagem contemporânea. **Cadernos IHU Ideias**, Rio Grande do Sul, 2004, v. 2, n. 16.
- LISE, Michelle Larissa Zini *et al.* Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **An. Bras. Dermatol**, Rio de Janeiro, out. 2010, v. 85, n. 5, p. 631-638.
- MARCELINO, F. C. **A mensagem por trás da imagem**: estudos da tatuagem à luz da análise do discurso. 380f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2007.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **Piercing, implante, escarificação, tatuagem**: o corpo como suporte da arte. 229f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- PLUTSER-SARNO, Alexei. **Introduction to Russian Criminal Tattoo Encyclopedia**: Volume I, by Danzig Baldaev. 1. ed. Londres: Fuel, 2009.
- SCHWIRTZ, M. Vory v zakone has hallowed place in russian criminal lore. **The New York Times**, Nova Iorque, 2008.
- SMITH, S. A. **Revolução Russa** 1. ed. São Paulo: L&pm, 2013.
- THRELFALL, S. The rise and fall of the vory v zakone. **The View East**, 2012.
- TOFFOLLI, Rodrigo de Oliveira. Corpos tatuados: preliminares a uma abordagem semiótica. **Estudos Semióticos**, São Paulo, 2005, n. 1.
- VARESE, F. The society of the vory-v-zakone, 1930s-1950s. **Cahiers du Monde Russe**, 1998, n. 4, v. 39, p. 515-538.
- ZACKASEE, Thomas R. **Prison gang tattoo recognition**: a correctional officer's survival guide. 114f. Dissertação (Mestrado em Ciência Criminal) – Youngstown State University, Youngstown, 2004.